

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA NO ESTADO

Mulheres mudam de nome para fugir de maridos

Vítimas de violência doméstica, elas conseguem mudar de nome quando comprovam que lidam com criminosos

Jéssica Cardoso

Mulheres que foram agredidas ou ameaçadas, que temem pelas próprias vidas, têm tomado medidas extremas, na Grande Vitória, para se afastarem dos maridos violentos e retomarem a vida longe deles.

Segundo fontes da segurança pública, algumas das atitudes têm sido a mudança de nome, ainda que informalmente; e formalmente, quando conseguem provar na Justiça que correm risco de morte, devido ao fato de lidarem com um criminoso em potencial. E, na maioria desses casos, elas se mudam de cidade e até de estado.

O maior medo delas é morrer. Só nos dois primeiros meses deste ano, 27 mulheres foram mortas.

Informações sobre mulheres que conseguiram mudar o nome formalmente não são divulgadas, por serem sigilosas, mas a advogada especialista em Direito de Família Ivone Vilanova, que atuou em casos desse tipo, explica que são várias as mulheres que entram na lista de proteção especial a vítimas e a testemunhas, principalmente, em situações que envolvem tráfico e que ainda há comprovação de agressões.

“Um exemplo é quando o marido é um traficante de drogas e a mulher, bem como os filhos, passam a se tornar testemunhas daquela situação. Então, essa mulher é transferida para outro lugar, com outro nome e fica guardada pela Justiça”, explicou a advogada.

MEDIDAS

A juíza Hermínia Azoury, coordenadora estadual de enfrentamento à situação de violência doméstica e familiar, afirma que a violência doméstica, por si só, não motiva a troca de nome, visto que a Lei Maria da Penha não prevê a alteração, mas oferece outras medidas.

“A lei é completa. Está entre as melhores do mundo, mas existem aquelas que querem fugir da agressão e retomarem a vida, em outro estado”, destacou.

Foi o que aconteceu a uma jovem, de 23 anos, que se viu refém do marido violento, ligado ao tráfico de drogas.

Faz 15 dias que ela deixou a Grande Vitória. “Ela foi espancada, estuprada e até fogo na casa o marido colocou. O jeito foi ir embora, porque só as denúncias não resolveram”, revelou a mãe dela, uma auxiliar de cozinha, 47 anos.



A ADVOGADA IVONE VILANOVA explicou que são várias as mulheres que entram na lista de proteção especial

AUXILIAR DE COZINHA MÃE DE VÍTIMA

“É como se nos matasse em vida”

A auxiliar de cozinha, de 47 anos, que viu a filha, de 23, deixar o Estado, após ser vítima de violência doméstica por seis anos, conversou com a reportagem de **A Tribuna**. Sem se identificar, ela contou que a filha viajou há 15 dias e a família sofre com ameaças e a dor da distância. A vítima não descarta a possibilidade da mudança do nome.

A TRIBUNA - Quando soube das agressões?

MÃE - Soube por uma amiga da minha filha, porque ela não tinha coragem de contar. Foram seis anos de violência e eles tiveram dois filhos. Preocupada com a situação, essa amiga abriu jogo e me contou. Eu já desconfiava, porque

ela aparecia com hematomas pelo corpo e muito triste.

> **Como era no início?**

No início, ele era uma pessoa muito boa, mas quando autorizamos o casamento, por insistência deles, tudo mudou. Com poucos meses, descobrimos que ele era envolvido com o tráfico de drogas, e até durante as gestações dela foi espancada. Foram várias denúncias, mas a polícia nunca o encontrava.

> **Como eram as agressões?**

Ele a enforcava, batia nela com cabo de vassoura, dava socos e chutes. Sem contar as ameaças. Ele dormia com uma faca embaixo do travesseiro e ameaçava cortar os órgãos genitais e os seios, caso ela gritasse, enquanto apanhava.

Ele ainda a estuprava e dizia que iria torturá-la, até que pedisse para morrer.

> **Quando foi a última vez?**

No fim do ano passado. Eu retirei ela de casa com os filhos, e logo depois ele ateou fogo na casa. Ele pretende matá-la. Ela foi levada para um abrigo, mas não se adaptou. A solução foi ir embora.

Hoje o que resta para gente é a dor da ausência dela e o medo. Ele ainda ameaça de morte todos da família. Uma filha, que criei com tanto amor e carinho, tem que fugir dele enquanto ele permanece solto. É como se nos matasse em vida.

Ela não analisou se muda de nome, mas se for para ter paz, vale a pena!

ASSASSINADAS

Esfaqueada em casa

Em Linhares, no Norte do Estado, no dia em que se celebrou o Dia Internacional da Mulher, último 8 de março, Maria Aparecida Queiroz Conceição de Souza, de 46 anos, foi assassinada a facadas dentro de casa, no bairro Interlagos 2. A suspeita da polícia é de crime passionnal.



Morta após denúncia

Em 25 de janeiro deste ano, Sabrina de Oliveira Mendes, de 35 anos, foi morta a facadas pelo ex-marido, ao voltar da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Vila Velha. O acusado, Fabio Devalcy Meirele Ferreira, de 45, foi preso após invadir uma faculdade.

Filhos viram crime

A jovem Talita Brenda Firmino Ferreira, de 19 anos, foi assassinada na frente dos filhos de 2 e 5 anos, no bairro Rio Marinho, em Vila Velha, no dia 25 de setembro de 2016.

Evandro dos Santos Delfino, de 25 anos, foi preso acusado do crime, um mês depois, em Terra Vermelha.



Assassinada grávida

A auxiliar de serviços gerais Maynara Fernanda Teodoro Micaela, de 21 anos, estava grávida de 5 meses, quando foi morta pelo namorado, em 4 de outubro de 2016.

O crime aconteceu no bairro Morada de Santa Fé, em Cariacica.

AMEAÇAS

FOTOS: JÉSSICA CARDOSO



Situação financeira dificulta saída

O medo e o desespero podem levar à vítima a buscar um novo endereço, mas podem faltar recursos, como conta uma doméstica, de 43. “Pensamos em tudo. Tive de sair de casa, depois que eu e minha filha fomos agredidas e ameaçadas. O desejo era deixar o Estado, mas falta dinheiro”.



Mudança de casa três vezes em um ano

Grávida do sétimo filho, uma diarista, de 41, conta que foi agredida pelo marido durante 15 anos. Ela revelou que sofreu calada, mas aos poucos foi tomando coragem e pensou em ir para longe. “Mudei de casa três vezes em um ano. Não fui para mais longe por conta dos filhos”.

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA NO ESTADO

Abrigo secreto para vítimas

Celulares confiscados e sem visitas. Para aquelas que não trocam de nome e nem deixam o Estado, mas se veem em risco de morte, em casos de violência doméstica, o governo reserva uma casa abrigo em local secreto.

Onde fica a Casa Abrigo Estadual Maria Cândida Teixeira (Caes) são poucos os que sabem. Sua capacidade é para 30 mulheres, que podem estar acompanhadas pelos filhos de até 12 anos, segundo a gerente de integração Comunitária da Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp), Fernanda Braumer.

A gerente salientou que se engana quem pensa que a casa é como um abrigo para pessoas em situação de rua. “Lá é garantida a segurança 24 horas para o abrigamento e outros serviços multidisciplinares que incluem pedagogas, psicólogas, defensores e demais profissionais. É reprodução de uma casa, porém com regras”, explicou.

O encaminhamento da mulher em situação de violência doméstica à Casa Abrigo Estadual é feito pelas delegacias e pelos Centros de

Referência. “A alimentação é fornecida, mas para aquelas que gostam de cozinhar, elas têm o livre acesso aos alimentos, além da oficina de culinária ofertada dentro da casa”, contou Fernanda.

Segundo a Sesp, quatro mulheres estão abrigadas e não há um período específico de permanência. Fernanda disse que cada caso é analisado. Podem variar de uma semana a três meses ou mais.

Sobre as regras, a gerente disse que, em prol do sigilo e da segurança, as mulheres não podem ter acesso a celulares e o contato com os familiares são feitos por meio da equipe que atua na casa.

A promotora de justiça Cláudia Albuquerque Garcia, coordenadora Estadual do Núcleo de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher do Ministério Público Capixaba (Nevid), a prioridade é que as vítimas não corram mais perigo. “Ela oferece à mulher e aos seus dependentes toda a assistência, além de acompanhamento pedagógico e recreação para as crianças, até que se verifique que o retorno da vítima às ati-



CASA ABRIGO tem capacidade para 30 mulheres, que podem estar acompanhadas pelos filhos de até 12 anos

vidades cotidianas não ofereça risco”, lembrou a promotora.

Fernanda Braumer informou que a casa é uma das iniciativas da Sesp, que também oferece atendimento nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, além do projeto “Homem que é Homem”, e as Visitas Tranquilizadoras, feitas pela Polícia Militar.

Dificuldades de adaptação

Apesar de poderem se abrigar em casos de grave ameaça, não são todas as mulheres que optam por fazer parte de uma casa abrigo.

De acordo com a polícia, algumas mulheres não conseguem se adaptar. A delegada Michelle Meira Costa, titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Cariacica explicou que as condições de sigilo é um dos fatores.

“É uma casa limpa, organizada, mas nela exigem regras de convi-

vência, que nem todas pretendem seguir, como é caso de não ter contato com a família. Aí, muitas preferem ficar do lado de fora correndo riscos”, explicou a delegada.

Michelle Meira acredita que há pouca procura desse serviço por falta de denúncia por parte das vítimas.

“A denúncia é muito importante. É preciso dar o primeiro passo, para que assim, o ciclo de violência seja quebrado”, salientou a delegada.



MICHELLE MEIRA: convivência

Mudança de nome é burocrática

Especialistas explicam que é possível uma mulher mudar o nome, por meio de ações na Justiça. Porém, é um processo rigoroso que leva em consideração todo o cenário em que a mulher está incluída.

O defensor público Franz Robert Simon, disse que não é como nas Varas de Vitória, porque muitos dos casos são supridos pela Leia Maria da Penha, que prevê o encaminhamento ao abrigo, em casos de risco de morte.

“Cada caso é um caso, na maior parte das situações de violência doméstica, a vítima também é testemunha de acusação. Logo, ela também pode ser incluída no sistema de proteção. O que irá definir será o relatório psicossocial e jurídico, e a partir disso, o juiz irá analisar”, explicou.

A presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados (OAB-ES), Verônica Bezerra, disse que é possível quando a situação vai além do que trata



FRANZ ROBERT SIMON explica que o juiz é que analisa pedido de alteração

a Lei Maria da Penha. “A Lei Maria da Penha não prevê essa alternativa, mas a Lei do Programa e Proteção de Testemunhas prevê, mas não é tão fácil. É um caso extremo, pouco comum. Isso se o mecanismo da Maria da Penha não der conta”, disse a presidente.

Verônica Bezerra finalizou dizendo que o enfrentamento da violência contra a mulher ainda está em passos lentos. “Muito já foi feito, mas no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, não tivemos o que comemorar, porque muitas ainda são vítimas”.

Prêmio em Washington

KADIDJA FERNANDES — 10/06/2015

Por conta de iniciativas de enfrentamento à violência doméstica nos últimos anos, o governo do Estado receberá em Washington (EUA) o Prêmio Eduardo Campos, do concurso Governarte – A arte de bom governo.

A disputa foi organizada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e participaram países da América Latina e Caribe. A final do concurso aconteceu em novembro de 2016, mas ainda não há data para a solenidade de entrega do prêmio.

As Secretarias de Estado da Segurança Pública (Sesp) e a Secretaria de Direitos Humanos (Sedh) ainda não informaram quem irá receber o prêmio.

A gerente de integração Comunitária da Sesp, Fernanda Braumer, acredita que o diferencial para trazer o prêmio para o Espírito Santo foi o resultado que os trabalhos atingiram.



FERNANDA BRAUMER: resultado

“Com o enfrentamento à violência doméstica, nos últimos dois anos, conseguimos reduzir os casos em 25%, e o trabalho do Estado foi vencedor. A redução foi significativa e foi o que chamou a atenção dos examinadores. Isso mostra o quanto o trabalho deu certo”, destacou.

ONDE DENUNCIAR

Delegacias

Cariacica

> DELEGACIA de Atendimento à Mulher (Deam) em Cariacica: na avenida Expedito Garcia, Campo Grande.

Vitória

> DELEGACIA de Atendimento à Mulher (Deam) de Vitória: na rua Portinari, em Santa Luzia.
> PLANTÃO Especializado da Mulher (PEM), na Ilha de Santa Maria, que funciona 24 horas.

Vila Velha

> DELEGACIA de Atendimento à Mulher (Deam) de Vila Velha: na av. Luciano das Neves, Prainha.

Viana

> DELEGACIA de Atendimento à Mulher (Deam) de Viana: na av. Desembargador Levino Chacon.

Serra

> DELEGACIA de Atendimento à Mulher (Deam) da Serra: na Rua Sebastião Miranda, 49 – Boa Vista II.

ANÁLISE

Penélope Zecchinelli,
psicóloga especialista
clínica



“Sozinha é difícil sair da situação”

“A nossa lei, apesar de muito bem-intencionada, serve só para quem cumpre a lei. Só isso não é suficiente. O botão do pânico é uma iniciativa imediata.

Porém, a relocação dessa mulher em outro Estado nada mais é do que punição para a própria vítima. É importante que ela coloque na balança o que vale mais. Vimos casos de agressores que não ficam presos.

Sozinha é difícil sair da situação de violência, por isso, agressores tentam isolar as vítimas. A família deve evitar que isso aconteça. O acompanhamento profissional é importantíssimo”.